

indicadores PMIs da gigante asiática. Timidamente no campo expansionista, o PMI de serviços de setembro caiu pelo quarto mês consecutivo atingindo 50,20 pontos ante 51,80 de agosto. O PMI industrial recuou frente a recuperação de agosto. O índice caiu para 50,60 em setembro frente a 51 pontos em agosto, e abaixo das expectativas de mercado que estimavam 51,2. O índice composto, assim como o de serviços, marcou queda pelo quarto mês consecutivo e em menor patamar do ano, porém ainda em campo expansionista, com 50,90 pontos em setembro ante 51,70 em agosto. Brasil Juros No Brasil, no dia 20 de setembro, o Bacen (Banco Central do Brasil) realizou mais um corte da magnitude de 50 pontos base, chegando em 12,75% ao ano. Além do corte esperado, as informações divulgadas posteriormente foram que cortes de mesma magnitude são esperadas até o fim de 2023, ou seja, 11,75% ao ano. Por outro lado, ao longo do mês de setembro por conta principalmente de uma influência vinda do exterior, tivemos uma elevação da curva de juros, a chamada abertura da curva, que impactou principalmente o mercado de renda variável. Além dos ruídos e incertezas do mercado global, outros fatores que contribuíram para a abertura da curva de juros se deram também pela estagnação da discussão da reforma tributária, somado as incertezas fiscais. Inflação Sobre o IPCA, o mês de setembro registrou alta de 0,26%, abaixo do consenso de mercado de 0,33%. O principal grupo que mostrou queda foi o de serviços, além de alimentos e bens industriais que registraram inclusive deflação. No acumulado de 12 meses, o número acelerou para 5,19% em relação ao mesmo período do ano anterior. O dado anual foi o mais elevado em sete meses, porém ainda abaixo das expectativas de mercado que projetavam 5,3%. Os principais itens que contribuíram, além de serviços conforme citado, foram os de transportes (1,40%) e combustíveis, em especial gasolina (2,8%) e diesel (10,11%). No grupo deflacionário de alimentação, o item que ganhou destaque nessa jogou a favor dessa deflação foi a batata-inglesa (-10,41%), cebola (-8,08%), além do ovo, leite, e carne, com quedas de -4,96%, -4,06%, e -2,10% respectivamente. PMI Contudo, as expectativas futuras representadas através do PMI trouxeram um abalo nas análises. O PMI de serviços registrou o menor desempenho desde maio de 2021, entrando em campo contracionista aos 48,70 pontos em setembro, ante 50,60 do mês anterior. Na contramão da recuperação do mês anterior, o setor industrial voltou a registrar contração aos 49 pontos, após uma recuperação e visão neutra futura do mês de agosto aos 50,1. Na consolidação, o PMI composto voltou para o patamar contracionista registrando 49 pontos ante 50,6 em agosto. Câmbio Dado as movimentações de curva de juros dos mercados citados, entre outros fatores, setembro fechou o último dia de cotação com o dólar a R\$ 5,04, com uma alta de 1,80%. Como já citado em outras oportunidades, a moeda norte americana vem exercendo pressão não somente sob o real brasileiro, mas sob a maioria das moedas estrangeiras e não somente a de países emergentes. Bolsa O resultado desse ritmo de abertura de curva de juros no exterior e no Brasil impactaram os ativos de renda variável, em especial na própria bolsa de valores representada pelo índice Ibovespa, que no mês de setembro andou praticamente de lado registrando variação de apenas 0,71% no mês. Resultado ainda que baixo, porém melhor do que o mercado estrangeiro. No terceiro trimestre, o fechamento foi de queda de 1,29%. Em pontos, o índice fechou aos 116.565 pontos, após atingir máxima de 1,01% na cotação da sexta feira 29 de setembro aos 116.899 pontos. O pregão da sexta feira foi o responsável por deixar o fechamento mensal no verde, impulsionado pelo dado de inflação americano PCE (índice de preços de gastos com consumo) que veio melhor do que o esperado. Renda Fixa Nos índices ANBIMA, a curva de juros impactou os indicadores de renda fixa, tendo o IMA-B variado negativamente em -0,95%, o IMA-B 5 que variou 0,09% no mês, e o IMAGERAL com 0,15%. O IMA-B 5+ registrou queda de -1,87% no mês, demonstrando grande volatilidade. Nos prefixados, o IRF-M 1 ficou com 0,89% no mês, o IRF-M 1+ em -0,15% e o IRF-M com 0,16%. A variação anual é de 10,06%, 12,82% e 11,62% respectivamente para cada benchmark. Quanto aos índices de prazos constantes, IDKA-Pré 2a teve variação de 0,15% no mês e 12,17% no ano enquanto o IDKA-IPCA 2a obteve 0,22% no mês e 8,97% no ano. **CONCLUSÃO E PERSPECTIVAS** Em linha com e preocupação com a trajetória fiscal, o mercado segue preocupado e atento frente a possibilidade de votação do projeto de lei referente a tributação de fundos exclusivos e offshore. O governo, para fechar as contas no azul, não parece querer adotar medidas para enxugamento dos gastos, portanto, a solução criada passa a ser a de maximizar a receita através da otimização de arrecadação tributária. A efetividade e os efeitos dessas novas medidas devem ser sentidos de maneira mista ao longo dos meses. Para o exterior, é esperado a manutenção do atual nível de juros por um período mais longo do que o inicialmente planejado, e portanto, trazendo desafio para as moedas dos demais países, e o fortalecimento do dólar. No radar, é válido se manter informado e monitorando todos os indicadores que podem antecipar os movimentos do Federal Reserve. Em especial, os indicadores de inflação (através do PCE, principal indicador utilizado pelo FED), além dos indicadores do mercado de trabalho, como índice Jolts e Nonfarm Payroll, além dos indicadores de crescimento econômico. Nas últimas semanas de outubro, teremos a divulgação do PMI de diversos países, além dos dados de desemprego da Inglaterra, dado de venda de imóveis nos EUA, PCE dos EUA, IPCA-15 de outubro no dia 25, entre outros acontecimentos.. **Análise do fluxo de caixa do mês corrente:** A Presidente apresentou o Fluxo de caixa para o mês corrente Constantes no Balancete de Setembro de 2023. Nos dias 01 a 30 ocorreram pagamentos de despesas com a folha do RPPS e prestadores de serviços. A totalidade dos membros presentes decidiram que os recursos para fazer frente aos compromissos no mês deverão ser resgatados do Fundo Perfil ou IMA-B. **Assuntos gerais:** Nada mais havendo a ser tratado, foi finalizada a reunião. E para contar, Lavrei a presente Ata que assino e os demais.

ATA DE REUNIÃO DO COMITÊ DE INVESTIMENTOS

Ata nº 143

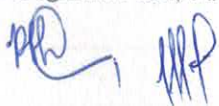
Data: 27/11/2023

Participantes: Pricila dos santos Lopes, Aldria da silva dos santos, Cláudio José Cruz Faria

Às nove horas do dia vinte e sete de Novembro de 2023, atendendo a convocação, que fará parte integrante desta ata como anexo, reuniram-se os membros do Comitê abaixo assinados. Dando início aos trabalhos a secretaria procedeu a leitura da ordem do dia constante da convocação, que passou a ser objeto de análise pelos presentes INTERNACIONAL Israel e Hamas O reinício das tensões entre o grupo Hamas e o estado de Israel trouxeram danos imensuráveis para os civis de ambos os lados do conflito. A crise

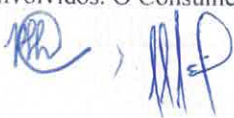
humanitária gerada foi algo não visto há tempos para ambos os povos, e a população civil que fica no meio desse fogo cruzado acaba sendo a mais atingida pelo conflito. Além dos impactos humanitários, o conflito possui também um potencial de causar abalos econômicos globais, principalmente ao se levar em conta o risco de uma escalada da guerra. Apesar de Israel e o grupo que comanda a Faixa de Gaza não serem diretamente ligados à exportação de petróleo no oriente médio, os mercados permaneceram apreensivos durante o mês de outubro por conta da já citada hipótese de escalada dos conflitos, tendo os países vizinhos tomando partido e, portanto, podendo comprometer o escoamento de petróleo da região. Os principais países da região que poderiam causar abalo na distribuição global de petróleo são Irã, que logo após o início da guerra já sinalizou apoio ao Hamas, além do Qatar, Emirados Árabes e a própria Arábia Saudita. Esses países sim, com um maior envolvimento partindo de uma escalada de tensões, poderiam sob a ótica da oferta, gerar impactos na cadeia produtiva e na distribuição da commodity ao redor do mundo, trazendo possíveis impactos inflacionários. Esse é o terceiro grande abalo sistemático que o sistema econômico sofre nos últimos 36 meses. O primeiro deles foi o estouro a pandemia do COVID-19, o segundo foi a invasão da Ucrânia realizada pela Rússia, e o terceiro foi este mais recente iniciado no início de outubro de 2023 pelo Hamas.

Estados Unidos Curva de Juros Em um movimento ainda mais acentuado que no mês de setembro, em que a abertura da curva de juros americana foi a maior desde os últimos 15 anos, atingindo mais de 4,5%, o mês de outubro seguiu a tendência com as treasuries do governo americano de 10 anos rendendo muito próximo dos 5%. A discussão de juros neutro mais elevados do que patamares anteriores fica mais acalorada, com essa abertura da curva, inclusive exerce o papel de minar um pouco da necessidade do Federal Reserve (FED) realizar novas altas da taxa básica de juros. Essa curva de juros em patamares mais elevados apresenta um possível impacto de frear a economia global a partir de uma reestruturação de dívida ao redor do mundo, encarecendo o crédito para toda a cadeia global vinculada ao dólar americano. Contudo, apesar dessa abertura da curva de juros, o FED não descartou em nenhum momento a possibilidade de novas elevações da Fed Funds Rate (taxa básica de juros), e parece neste momento estar muito mais em uma posição de observar como os dados macro econômicos reagirão perante a essa nova curva de juros. Os principais fatores que ajudam a explicar esse movimento se devem primeiramente à resiliência econômica que o país norte americano possui, e principalmente pelo aumento do temor atrelado ao risco fiscal da maior economia mundial. Em momentos anteriores à pandemia, o déficit do governo americano girava em torno dos 80% do PIB, por sua vez, nos dias atuais esse déficit já se aproxima dos 100% do PIB, com a propensão de superar os 120% nos próximos períodos caso a política de gastos do governo americano se mantenha a mesma, portanto, fazendo com que o prêmio de risco exigido pelo grau de risco fiscal elevado se torne maior. Somado a isso, a recém deterioração na margem da nota de crédito do governo americano realizada pela agência Fitch, e a expectativa de mais uma revisão negativa dessa nota de crédito incentivam o investidor a exigir um prêmio



ior para o risco soberano dos Estados Unidos. Ademais, apesar das incertezas expostas, os parlamentares e o senado americano continuam a travar uma batalha retórica a cerca do tema de corte de gastos, em que um congresso (mais republicano) e um senado (mais democrata) divergem com fervor dos métodos de resolução do problema que se avizinha. Com o ambiente econômico citado, entre outros fatores, o Dólar americano permaneceu no mês de outubro com bastante força em relação às demais moedas, como apresentado pelo índice DXY (Dollar Index). No início de outubro, o Dollar Index registrou alta de 107, patamar recorde em 2023, conforme imagem do gráfico: Como já explicado, o Dollar Index é indicador responsável por calibrar a magnitude da força do dólar perante outras moedas de países desenvolvidos. Esse indicador compara a moeda americana com uma cesta ponderada das principais moedas estrangeiras (euro, iene (Japão), libra (Inglaterra), dólar canadense, coroa sueca, e franco suíço). Essa ponderação coloca o euro como maior representante da cesta (58%), seguido pelo Iene japonês (14%), Libra (12%), Dólar canadense (9%), Coroa sueca (4%), e Franco suíço (4%).

MERCADO DE TRABALHO É um dos principais fatores determinantes para as decisões de política monetária por parte do Federal Reserve, como já citado pelo presidente da instituição, Jerome Powell, são os resultados do mercado de trabalho, em especial, o número de vagas criadas, e o número de vagas abertas. Os indicadores de emprego são termômetros perfeitos para compor análise do nível de atividade econômica de uma economia, e, portanto, a partir disso calibrar com mais acurácia os patamares de juros a serem determinados. Níveis de desemprego baixos pressupõem uma economia aquecida, logo, predispostos a consumir, que por sua vez possui potencial inflacionário. Após o mês de setembro pegar o mercado totalmente de surpresa com os dados de emprego trazidos pelo Nonfarm Payroll virem em praticamente com o dobro de vagas abertas do que o esperado, o mês de outubro registrou um arrefecimento laboral da economia americana, inclusive um pouco abaixo do esperado. A projeção do mercado para a criação de empregos na casa dos 180 mil foi na verdade materializada com um dado ao redor dos 150 mil empregos criados, com uma queda acentuada no menor patamar desde junho de 2023. O principal setor que registrou essa contração foi o setor de manufatura. Por sua vez o relatório Jolts, responsável por informar o número de vagas abertas, trouxe um dado crescente para o mês de outubro, superando o que foi visto no mês de setembro e mostrando o crescimento da demanda por profissionais no mercado. Como comparativo, o número de vagas abertas é superior em 50% ao número de profissionais procurando emprego, sinalizando uma economia ainda resiliente. Inflação Ainda mais relevante do que a métrica da criação de empregos e número de vagas abertas para a tomada de decisão do FED, está sem dúvidas o dado da inflação. O fenômeno inflacionário assolou e ainda preocupa o mundo, e permanece sendo a principal pauta dos líderes de política monetária ao redor do globo. Esse fenômeno que na última década parecia "morto", voltou aos holofotes econômicos e reacendeu a preocupação de todos os agentes econômicos desenvolvidos. O Consumer Price Index (CPI), principal indicador de inflação dos Estados Unidos, registrou uma surpreendente



estabilidade no mês de outubro, com uma variação de 0% ante ao mês de setembro. O mês anterior havia registrado um apenas 0,4% frente a agosto. A variação anual do indicador também veio abaixo do esperado, registrando 3,2% em outubro, 3,7% de setembro. Ambas as métricas vieram 0,1% abaixo das projeções de mercado. E ainda mais relevante do que a dado cheio da inflação, é a direção que o núcleo da inflação está tomando. Vale lembrar que o núcleo da inflação des itens voláteis do cesto, como por exemplo Energia e Alimentos. No primeiro mês do 4º trimestre, o núcleo registrou comparação com o mesmo período do ano passado, o menor patamar do ano, porém ainda bem superior à meta do governo mostrando que apesar de a política monetária estar na direção certa, ainda há a tendência do que o mercado chama de "higher for longer", ou seja, uma taxa de juros elevada por mais tempo. Na contramão do que foi visto nos meses anteriores, o petróleo dos componentes da cesta de bens que registrou maior recuo de preços, tanto do WTI (West Texas Intermediate), que imediatamente a economia norte-americana, quanto do Brent (benchmark global) com impacto para os demais países. O arrefecimento dos preços dos barris da commodity trazem mais serenidade para o mercado, sinalizando que o horizonte inflacionário parece de fato estar próximo do fim. Porém, como já citado, nos cabe monitorar o desenrolar do conflito no oriente médio e os efeitos que serão gerados principalmente no preço do petróleo. Juros Como já citado, o discurso dos membros do Federal Reserve ainda se mantiveram sob a ótica de observar e colher informações que possam embasar as decisões de política monetária. Jerome Powell espera que a estrutura da curva de juros permaneça em um patamar ainda elevado, para que novas altas da taxa não sejam mais necessárias. As altas recentes dos vértices médios e longos da curva de juros representaram o mesmo efeito. 3 altas na casa de 25 bps, segundo analistas do mercado. Por enquanto, seguimos com a Fed Funds Rate na janela entre 5,5%. Taxa de Juros – ESTADOS UNIDOS - INDICADORES DE ATIVIDADE - PIB do No final de outubro o dado preliminar do fechamento do PIB 3º trimestre foi divulgado mostrando um resultado surpreendente da performance norte americana. O PIB veio em 4,88%, ultrapassando com folga a projeção de 4,5% do mercado. De longe, o principal componente que inflou o crescimento veio através dos gastos do governo, que representaram crescimento de 4,6%, além do consumo das famílias que registrou crescimento de 4%. Contudo, apesar do resultado surpreendente, sob os efeitos da curva de juros mais elevada, é esperado que o 4º trimestre não venha com o mesmo ritmo de crescimento econômico. PMI Com um leve aumento, porém um pouco abaixo das expectativas, o PMI de serviços veio no mês de outubro registrando 50,60 pontos, ante 50,10 pontos de setembro. O dado reflete um pouco mais de moderação do mercado frente as expectativas futuras, na contramão do surpreendente resultado do 3º trimestre. A projeção de mercado para o indicador era um pouco melhor, em 50,90 pontos. Por sua vez, após o mês de setembro trazer um dado que significava uma leve expectativa de retração do setor industrial aos 49,80 pontos, o mês de outubro trouxe uma leitura mais positiva para o setor, ficando "em cima do muro", com perspectiva neutra, aos 50 pontos. Na síntese, o índice composto trouxe uma leitura mais otimista que no mês anterior impulsionado pela melhora de perspectiva do setor de serviços. O PMI composto medido

Phon

MF

S&P Global para o mês de outubro pontuou 50,70 versus 50,20 pontos de setembro. As perspectivas citadas acima representam um importante papel para a análise de conjuntura, pois reflete a visão que os líderes de grandes empresas possuem para o mercado futuro, trazendo uma maior clareza do que esperar em relação aos dados futuros. Ainda nos indicadores que antevêm a direção econômica futura, o mercado acionário no mês de outubro passou por expectativas mistas. Até o começo de outubro, o índice S&P 500 apresentava uma valorização de 2%, porém por conta do movimento da curva de juros somado ao conflito que se iniciava com o Oriente Médio, o indicador fechou o mês com uma desvalorização de 2,20%. Apesar das empresas terem apresentado resultados financeiros variados, o mercado se sentiu receoso de aumentar exposição em renda variável com a conjuntura que vinha se desenhando sob ótica monetária doméstica e incertezas no campo internacional.

ZONA DO EURO INFLAÇÃO E após o dado de inflação de setembro na Europa chegarem em 4,3%, o mês de outubro finalmente entrou na desejada casa dos 2%. Ainda que altos, os 2,9% do primeiro mês do 4º trimestre trouxe uma sensação mais tranquilizadora para o mercado que anseia pela pausa do ciclo de aperto monetário, e discussão sobre uma possível queda para o futuro. Esse número é o menor em mais de dois anos, julho de 2021, porém ainda bem superior à meta de 2% dos líderes de política monetária da Europa. Os principais componentes que contribuíram para essa redução foram energia, e alimentos, com quedas de 11% e 7% respectivamente. Já o componente de serviços permanece estável, com uma variação de 4,6% em outubro frente 4,7% do mês anterior. No mês, a variação veio em linha com as expectativas, em 0,1% ante 0,3% de setembro. E como já citado, o olhar sobre o núcleo é uma mais relevante do que o olhar para o número cheio do CPI, e após a eliminação dos itens voláteis, os preços no velho continente avançaram 4,2% sob a janela anual, o menor patamar desde julho de 2022.

JUROS Seguindo o que foi divulgado anteriormente, o Banco Central Europeu (BCE) liderado pela presidente Christine Lagarde manteve a taxa de juros inalterada ainda na janela entre 4,25% e 4,50%. O BCE havia sinalizado em setembro que esse patamar seria mantido, porém em outubro, a presidente Christine Lagarde reiterou que ainda há margem para novas altas se necessário, mesmo após o comunicado do BCE apontar que o patamar de juros atual aparenta ser suficiente para acomodação da inflação para dentro da meta. Em síntese, a estrutura de juros na zona do Euro permanece da seguinte forma: taxa de refinanciamento em 4,50%, a taxa de depósitos em 4,0% e a taxa de empréstimos marginais (lending rate) em 4,75%.

INDICADORES DE ATIVIDADE PIB Em linha com as expectativas e influenciado pela estrutura de juros da região, o crescimento econômico representado pelo PIB para o 3º trimestre apresentou uma contração de -0,1% em relação ao trimestre anterior. Pela ótica dos indicadores futuros, e sem perspectiva de queda de juros num horizonte próximo, a discussão sobre uma possível recessão se torna cada vez mais plausível.

PMI E como todos sabem, um desses indicadores que possuem esse papel de prever a direção futura é o índice PMI. Em outubro, vimos uma contração do indicador para 46,50 pontos ante 47,20 de setembro, o menor patamar desde

novembro de 2020, no núcleo da pandemia. Essa deterioração do indicador foi puxada para baixo por ambos industrial, quanto de serviços. O setor industrial registrou o 16º mês consecutivo de contração iniciando o 3º trimestre em 43,10 pontos ante 43,40 pontos de setembro. E para fechar, o setor de serviços apresentou o 3º mês campo contracionista, em 47,80 pontos versus 48,70 pontos do mês anterior e a contração mais forte desde fevereiro. A contração para o setor é igualmente impactada pelos danos gerados pela inflação elevada e mais recentemente pela crise no continente europeu. Ásia Inflação A gigante asiática, a China, após não registrar variação de preços cheios no mês de setembro, mostrou que o controle do nível de preços permanece sendo executado com êxito, registrando no mês de outubro uma queda de 0,1%. Sob a janela anual, essa retração foi de -0,2%, ainda abaixo das expectativas que eram de -0,1%. O núcleo dos itens mais voláteis, registrou 0,6% no mês de outubro, abaixo dos 0,8% do mês anterior. Juros Com a inflação, o Banco Popular da China (PBoC) mantém as taxas de juros inalteradas por toda sua curva. Como resultado, a moeda chinesa segue desvalorizada perante o dólar, encerrando outubro na casa dos CNY 7,30 por Dólar americano. INDICADOR DE ATIVIDADE PIB Em relação aos indicadores de atividade, os dados vieram de forma mista, inicialmente pelo PIB, um dado relativamente satisfatório por ter vindo acima da projeção de mercado. O dado para o 3º trimestre veio em 4,5%, enquanto o mercado esperava apenas 4,4% para o período. Pela força do dado do 3º trimestre, é esperado que a meta de 5% para 2023 seja atingida com êxito, apesar dos outros indicadores de atividade trazerem desconfiância para alguns anos. A desconfiância foi parcialmente gerada pela expectativa de recuperação de uma projeção otimista para a China, mas os dados industriais, e de serviços surpreenderam negativamente o mercado após a divulgação dos dados do PMI fracos em outubro. O setor de serviços, ainda que acima dos 50 pontos, permanece mais no campo "neutro" do que de fato em setembro. O primeiro mês do 4º trimestre veio em 50,40 pontos ante 50,20 pontos de setembro. Porém o balde de água fria veio do PMI industrial que recuou ainda mais em relação ao mês anterior, entrando novamente em campo contracionista a 47,80 pontos, muito abaixo da projeção de recuperação projetada para o setor de 50,80 pontos e abaixo dos 50,60 pontos de setembro. A projeção de crescimento atribui-se principalmente pelas baixas exportações projetadas pela economia chinesa, e pelo desemprego divulgados recentemente. Como consequência direta, o indicador composto fechou o mês de outubro em 48,70 pontos, queda no ano, pelo 5º mês consecutivo, e no menor patamar do ano, aos 50 pontos ante 50,90 pontos de setembro. Em linha com os comunicados do Banco Central (Bacen) com o mercado, o Comitê de Política Monetária (COPOM) realizou o corte de 0,5 p.p na Taxa Selic, em linha com as expectativas do mercado. A inflação, principal fator observado, mostrando recuo e convergindo cada vez mais para dentro da meta estabelecida pelo CMN, ancorando as expectativas de juros graduais de juros por parte do Banco Central presidido por Roberto Campos Neto. expectativas A Taxa Selic, taxa básica de juros do Brasil, encontra-se em 12,25% ao ano, e apesar do corte realizado, Campos Neto reitera a necessidade de sólidos

a continuidade dessas medidas seja realizada. Além da inflação sob controle, o presidente da instituição pontua com fervor a importância da questão fiscal que deve estar bem planejada. Além dos desafios internos, é praticamente um consenso que o fator de juros elevados no exterior limita o campo de flexibilização monetária para o próximo ano.

Inflação A surpresa positiva veio por meio do IPCA, índice oficial de inflação medido pelo IBGE, que no mês de outubro registrou alta de 0,24%, abaixo dos 0,26% do mês anterior, e abaixo da projeção do mercado de 0,29%. Os componentes que se destacaram nessa alta foram os de transportes e alimentação. Na janela anual, o IPCA voltou para a casa dos 4%, mais precisamente em 4,82% versus 5,19% de setembro, e também abaixo da projeção de 4,87% do mercado. Como já citado e divulgado pelo IBGE, 8 dos 9 grupos tiveram altas. O grupo que mais aumentou foi o de Transportes (0,35%), seguido por Alimentação e Bebidas (0,31%). O grupo deflacionário do índice foi o de Comunicação, com variação de -0,19%.

INDICADORES DE ATIVIDADE IBC-Br O IBC-Br, que é considerado um indicador que prevê o PIB, trouxe um dado para o 3º trimestre abaixo das expectativas de mercado. A projeção era de 0,20% de alta, porém o resultado veio em queda de -0,64%. Essa queda, ainda que não seja o resultado oficial divulgado pelo IBGE, não surpreende o mercado pois os indicadores antecedentes, como o PMI, apontavam para um fraco desempenho do setor de serviços no 3º trimestre.

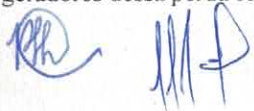
Além do mais, a produção do minério de ferro brasileiro no 3º trimestre também contou com uma queda de -3,9% no período.

PMI De volta ao campo de expansão, o PMI do setor de serviços voltou a pontuar acima dos 50 pontos, registrando em outubro 51 pontos versus 48,70 pontos do mês anterior. O principal impulsionador do índice foi o número de negócios fechados que deu uma leve melhoria no período, além do melhor dado de contratação do segmento. Por outro lado, as expectativas do setor industrial trouxeram a terceira queda consecutiva nas projeções, reduzindo para 48,60 pontos ante 49 pontos de setembro. Os principais fatores responsáveis por essa redução se devem ao cenário desafiador à frente por parte do número de exportações em queda, principalmente no setor de mineração.

Na síntese, o PMI composto retornou para o patamar positivo puxado pelo setor de serviços, registrando 50,3 em outubro contra 49,7 pontos de setembro.

CÂMBIO Com bastante volatilidade e após atingir mais de R\$ 5,16 por Dólar Americano em outubro, o câmbio encerrou o mês aos 5 reais pela unidade da moeda americana. Essa volatilidade permanece sendo justificada majoritariamente pelo movimento dos juros no exterior. E como já citado em outras oportunidades, a moeda norte americana vem exercendo pressão não somente sob o real brasileiro, mas sob a maioria das moedas estrangeiras e não somente a de países emergentes.

Bolsa Como resultado, um dos principais indicadores econômicos a sentirem os efeitos das volatilidades citadas, seja no Brasil, como no exterior, é a performance da bolsa de valores do Brasil representado pelo índice Ibovespa. No mês de outubro, 12 dos 21 pregões do mês registraram queda versus 9 pregões de alta. O resultado do mês foi negativo em -2,94% aos 113.143 pontos. E como já citado, os componentes geradores dessa perda foram: volatilidade da curva de juros dos Estados Unidos, guerra no Oriente Médio e discussões



sobre o tema fiscal brasileiro. Com a renda fixa no exterior se tornando atrativa, os investidores estrangeiros, em especial por manter o capital alocado no mercado americano, ainda mais com a taxa básica de juros do Brasil sendo gradualmente reduzida.

RENTA FIXA Nos índices ANBIMA, a variação da curva de juros impactou os indicadores de renda fixa, tendo o IMA-B 5 e o IMA-B 5+ caído -0,13% no mês. Da família dos IMAs, o IMA Geral foi um dos únicos a performarem positivamente, com uma variação de 0,52% no período. Na família dos prefixados, cenário foi de variação positiva no mês, com o IRF-M 1 variando 0,54%, seguido pelo IRF-M que variou 0,66% e pelo IRF-M 1+ que variou 0,54% no período. Na janela anual, essa variação foi de 12,04% e 12,95% respectivamente para cada benchmark. Quanto aos índices de prazos constantes, IDKA-Pré 2a teve uma variação de 0,45% no mês e 12,26% no ano enquanto o IDKA-IPCA 2a obteve queda de -0,23% no mês e 8,53% no ano.

PERSPECTIVAS Ainda que com um cenário de inflação em desaceleração, enxergamos que a cautela das autoridades monetárias ao redor do mundo deve permanecer no radar perante novas tomadas de decisões em relação aos investimentos. Nas discussões que ainda pairam sob os investidores envolvem principalmente o desafio fiscal que o país terá num horizonte médio. Entendemos que alicerces fiscais fortalecidos representam a âncora necessária para que o Banco Central possa manobrar os juros para um campo mais estimulante. Por isso, é de extrema relevância que os investidores acompanhem as discussões sobre o tema para o afinado balanceamento de suas carteiras. Somado ao fator doméstico, temos no exterior um cenário misto que indicam a possibilidade de uma leve desaceleração econômica, ainda que com dados melhores do que o esperado para as economias no 3º trimestre. Na mesma linha, com o discurso das autoridades monetárias em manterem os juros num patamar "higher for longer", ou seja, mais elevado por mais tempo, há uma imposição indireta sobre os países emergentes de manterem as taxas de juros elevadas por mais tempo, partindo do pressuposto do interesse desses países de manterem as taxas de câmbio estáveis. Essa política de juros elevados por mais tempo possui uma missão direta e declarada, que é a de conter a inflação das economias desenvolvidas para o patamar de suas respectivas metas. E apesar dos dados inflacionários no exterior estarem elevados, é notório que a direção está correta, e o mercado atualmente aposta na manutenção das taxas de juros nos níveis atuais para as próximas reuniões do FOMC e do BCE. Por fim, para acompanhar os efeitos sob as carteiras, também estamos monitorando o desenrolar do conflito no Oriente Médio. Uma escalada das tensões teriam efeitos catastróficos para o mundo, principalmente para as questões humanitárias e portanto torcemos para um esfriamento das tensões e para o não envolvimento dos demais países da região, e outros ao redor do globo.

Análise do fluxo de caixa do mês corrente: A Presidente apresentou o balanço de caixa para o mês corrente constantes no balancete de Outubro de 2023. Nos dias 01 a 30 ocorrerão pagamentos de despesa com folha do RPPS e prestadores de serviços. A totalidade dos membros presentes decidiram que os recursos para fazer compras no mês devem ser resgatados do Fundo Perfil ou Gestão estratégica. Assuntos gerais: Nada mais havendo a ser tratado, foi fechada a reunião e para contar, lavrei a presente Ata que assino e os demais.

